

Acto I

CENA I

MANFREDO, sozinho. A cena passa-se numa galeria gótica. É meia-noite.

MANFREDO. Importa encher de novo esta candeia.

Nem basta, enquanto velo, a sua chama.

Não são de sono os sonhos que me assaltam —

Prolongam só a dor do pensamento

A que sou incapaz de resistir.

Coração vigilante, quando cerro os olhos

É num olhar por dentro; porém vivo,

E tenho o aspecto e a forma de outros homens.

Deviam os sábios aprender a dor;

Sofrer é saber; e quem mais souber

Mais tem de lamentar a verdade fatal:

A árvore do Saber não é a da Vida.

Filosofia, ciências, fontes de prodígio,

Todo o saber do mundo já tentei,

E pelo poder da mente tudo domino —

De nada me serviu! Fui benfeitor dos homens

E até entre eles o bem eu encontrei.
De nada me serviu! E até dos meus rivais
Nenhum me confundiu e muitos derrotei.
De nada me serviu! O bem, o mal, a vida,
Poder, paixões que noutros seres descubro
São, para mim, qual chuva sobre areia,
Desde aquela hora inominada. Nenhum receio
Tenho. Foi maldição eu não sentir temor,
Nem alvoroço, nem vibração de anseios,
Insuspeitado amor às coisas deste mundo.
Cumprirei minha missão. —

Mistérios poderosos!

Vinde vós, génios do vasto Universo
Que procurei nas trevas e na luz —
Vós que envolveis a terra e habitais
A mais subtil essência, e tendes por refúgio
O cume inacessível das montanhas,
As grutas da terra, as furnas do mar,
Eu vos invoco, em mágica palavra,
Que sobre vós me dá poder. Erguei-vos! Surgi! [Pausa]
Não vieram ainda. — Pela voz de quem
Dentre vós é o primeiro, por este sinal
Que todos faz tremer, pelo nome daquele
Que é imortal. — Erguei-vos! Surgi! Surgi! [Pausa]
Pois, se é assim — Espíritos da terra e do ar,
De mim não fugireis. Pelo poder
Maior que tudo o resto, encanto irresistível
Numa estrela de perdição nascido,
Despojo ardente de algum mundo extinto,
Errante inferno no eterno espaço;
Pela maldição suprema que me pesa na alma,
Pelo que pensa em mim e ao meu redor,
Ordeno. Obedecei! Vinde! Surgi!

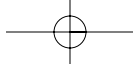
[Vê-se uma estrela ao fundo mais escuro da galeria; está imóvel; ouve-se uma voz cantar]

PRIM. ESPÍRITO

Mortal! À tua ordem submisso,
 Venho da mansão nas nuvens,
 Feita nos ares do crepúsculo,
 Dourada, no estio, por poentes,
 Com púrpura e azul
 Mesclados em minha morada.
 Talvez seja interdita tua busca,
 Vim cavalgando estrela cintilante,
 A tuas ordens submetido.
 Mortal — seja teu desejo revelado!

SEG. ESPÍRITO

Monte Branco, monarca das montanhas,
 Por elas coroado há longo tempo,
 Manto de nuvens, trono de rochedo,
 Diadema de neves adornado,
 Tem bosques enlaçados na cintura,
 Em suas mãos detém a Avalanche;
 E, antes de tombar, o globo retumbante
 Queda-se, aguardando ordem minha.
 A massa do Glaciar, fria, agitada,
 Dia após dia, avança;
 Mas sou eu quem a manda adiantar
 Ou ficar sustida pelo gelo.
 O génio do lugar sou eu;
 À ordem minha inclina-se a montanha,
 Tremendo nas cavernas do sopé.
 De mim o que será que tu queres?



TER. ESPÍRITO

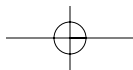
Nas águas profundas de azul
Onde nem ondas se agitam,
Nem o vento se conhece,
Vive a serpente marinha,
Onde a Sereia ornamenta
De conchas verde cabelo;
Qual tormenta à flor das águas
Chegou teu som encantado;
Meu Palácio de Coral
Ressoou em ecos fundos —
Ao Espírito Oceano
Vem revelar teu anseio!

QUAR. ESPÍRITO

Onde o sismo, entorpecido,
Repousa em leito de fogo,
E charcos betuminosos
Vão borbulhando em fervura;
Onde as raízes dos Andes
Na terra se cravam fundas,
Erguendo cumes aos céus,
Elevados, altaneiros;
Deixei o lugar natal,
Para acatar tuas ordens —
Vencido por teu encanto,
O teu desejo me guia!

QUINTO ESPÍRITO

Eis-me aqui, corcel do vento,
Agitando a tempestade;
Passei por um furacão
Ardendo ainda em meus raios;
Em resposta à tua voz,



Sobre praias, sobre mares,
Sobre vendavais voei.
Singrava uma frota à vela
Que em breve irá naufragar.

SEX. ESPÍRITO

Habito as trevas da noite.
Na luz da tua magia
Porque me vens torturar?

SÉT. ESPÍRITO

Antes da criação, reinava eu
Sobre a estrela que rege o teu destino;
Nunca outro mundo mais puro ou sublime
Nos ares girou na órbita do sol;
Tinha o seu curso livre e regular,
Nenhum mais belo o espaço abrigava.
Quando a hora soou — ei-lo tornado
Massa errante de chamas sem ter forma,
Cometa vagabundo, maldição
Ameaçando o universo inteiro.
Por sua inata força, ia girando,
Sem curso, nem esfera, desregrado,
Disforme a sua luz no firmamento,
Terrível monstro do mais alto céu!
E tu! Nascido sob tal domínio,
Tu, verme desprezível, que me tens
Sujeito a um poder (que não é teu
E que tu só deténs para seres meu)
Vem descendo por este breve instante,
Onde espíritos fracos se inclinam
E com um ser debatem como tu —
Criatura do Pó, o que pretendes?